

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE WATANABE NAKAMURA

**AS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS E O COMPLEXO DE ÉDIPO:  
NOVAS CONFIGURAÇÕES, NOVA SUBJETIVIDADE?**

SÃO PAULO  
2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE WATANABE NAKAMURA

**AS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS E O COMPLEXO DE ÉDIPO:  
NOVAS CONFIGURAÇÕES, NOVA SUBJETIVIDADE?**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação  
no curso de Psicologia, sob orientação da Prof. Dra. Maria Thereza de  
Alencar Lima.

SÃO PAULO

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha orientadora Prof. Dra. Maria Thereza de Alencar Lima, que me recebeu tão gentilmente em sua turma. Agradeço por ter me orientado durante todo o trabalho, em momentos onde muitas vezes eu estava perdida no que deveria fazer, e sempre me acolhendo quanto às minhas angústias, me trazendo diversas leituras para complementar meu trabalho e sempre fazendo boas pontuações.

Agradeço também à Prof. Dra. Maria Elisabeth Montagna, que aceitou ser minha parecerista da forma mais carinhosa possível. Agradeço pelo seu acolhimento não só durante as aulas, mas também ao longo de toda a graduação, sempre se mostrando atenciosa e cuidadosa conosco.

Agradeço à todos os meus amigos que me acompanharam durante esse trajeto dentro da psicologia, me auxiliando não só na parte teórica e a pensar em temas para o meu TCC, como também a lidar com questões pessoais dentro da graduação. Agradeço também à minha família que esteve ao meu lado sempre, me apoiando desde o início a seguir os meus sonhos, e me dando incentivos nessa reta final.

Por fim, agradeço também à todos os professores da PUC, principalmente os de psicanálise, em especial à Prof. Regina Célia Cavalcante, à Prof. Dra. Elisa Cintra, à Prof. Dra. Clarissa Metzger e ao Prof. Dr. Raul Pacheco pelas incríveis aulas, que me fizeram adquirir paixão pela psicanálise.

ALINE WATANABE NAKAMURA. As famílias contemporâneas e o complexo de Édipo: novas configurações? Nova subjetividade? 2019, Orientadora: Profª Drª Maria Thereza de Alencar Lima.

## RESUMO

Em tempo atuais, são múltiplas as configurações familiares que se diferem em composição e superam em quantidade a família tradicional composta por pai, mãe e filhos biológicos de uma primeira união. Sob este modelo tradicional de família, Freud, o pai da psicanálise, conceituou o complexo de Édipo. Frente às mudanças do contexto histórico social, o objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi pesquisar como a psicanálise vêm discutindo o conceito de complexo de Édipo na contemporaneidade. Foi realizado uma revisão de artigos brasileiros em psicanálise publicados entre os anos 2000 e 2019 acessíveis em nas plataformas como Scielo, Google acadêmico, BVSPsi e na Revista Percurso. Enquanto resultado, doze artigos foram analisados em seus conteúdos e foram identificadas seis diferentes categorias não excludentes que versaram sobre como os autores discutiram o conceito de complexo de Édipo e as novas configurações familiares. Foram elas: Enfraquecimento da função paterna e declínio da autoridade nas famílias; Multiplicação das expressões do Édipo e a alteridade como condição de subjetivação na contemporaneidade; As vicissitudes na contemporaneidade; Função materna, paterna e fraterna. Na discussão, destacou-se a importância de se questionar o padrão binário de gênero, também no que concerne à conceitos tradicionais como o complexo de Édipo. Também se discute o posicionamento de alguns psicanalistas contemporâneos, e a necessidade de pesquisas e maiores investigações sobre o tema e sobre possíveis mudanças no psiquismo por conta da contemporaneidade e as novidades que ela traz.

**Palavras-chave:** complexo de Édipo, família, novas configurações, contemporaneidade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>2 A(S) FAMÍLIA(S)</b> .....	<b>7</b>
<b>3 O ÉDIPO EM FREUD</b> .....	<b>10</b>
<b>4 O ÉDIPO EM LACAN</b> .....	<b>15</b>
<b>5 MÉTODO</b> .....	<b>18</b>
<b>6 RESULTADOS</b> .....	<b>20</b>
<b>7 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>24</b>
7.1 Categorias de análise .....	24
<b>8 DISCUSSÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>34</b>
<b>10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>36</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>39</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI faz-se importante realizar que o modelo idealizado da família nuclear intacta, com papéis de gênero pré-estabelecidos para o provedor-homem e para a cuidadora-mulher, é apenas uma das variações no amplo espectro das famílias contemporâneas. Uma remodelação da vida familiar atual abrange agora culturas e estruturas familiares múltiplas, em transformação e em evolução.

Em acordo com autores como Walsh (2016), nos Estados Unidos as famílias monoparentais, encabeçadas por um genitor não casado ou divorciado, agora representam mais de 25% dos lares. Mais de 20% dos casais se divorciam em 5 anos. A maior parte dos divorciados se casa novamente ou vive em coabitação, tornando as famílias adotivas cada vez mais comuns. As famílias adotivas também vêm aumentando entre pais solteiros, bem como entre os casais. As famílias recompostas também já são cerca de 40% dos casos, em que avós, principalmente as avós, atuam como cuidadores primários. Mais da metade tem sido cuidador primário de pelo menos um neto por três anos ou mais. Por fim, a última década testemunhou a crescente aceitação de casais do mesmo sexo e expandiu a legalização de parcerias domésticas e casamento. Um número crescente de pais solteiros homossexuais está criando filhos por meio da adoção e também a partir de uma variedade de abordagens reprodutivas: barriga de aluguel, embriões congelados, procriação artificial, entre outras (WALSH, 2016; CECCARELLI, 2007).

No Brasil, houve uma redução da chamada família tradicional (casal com filhos) em aproximadamente 7% (a partir do censo do IBGE de 1990), bem como um crescimento das unidades domésticas unipessoais em cerca de 22%; aumentaram também as separações, os casamentos tardios, as famílias compostas por mulheres sem cônjuges e com filhos, os casais sem filhos, os pais (homens) com filhos (PERÓN, 2009).

As novas configurações familiares ainda causam estranhamento e certamente novos questionamentos. Estudos qualitativos refletem as mudanças de perspectivas frente ao panorama relacionado à multiplicidade de configurações. Enquanto na década de 1950, o sociólogo Talcott Parson coletou uma amostra de famílias nucleares brancas de classe média suburbana para a prescrição de padrões, com papéis de gênero “adequados”, como universais e essenciais para o desenvolvimento sadio da criança, a partir dos anos 80, um grande número de resultados de pesquisas mostraram que crianças criadas por homossexuais se desenvolvem

tão bem quanto aquelas criadas por pais heterossexuais quanto à qualidade da relação, bem-estar psicológico e adaptação social (WALSH, 2016).

Neste contexto e neste momento histórico, faz-se necessário, então, revisitar importante conceitos teóricos. Portanto, esse trabalho teve como objetivo uma revisão de artigos sobre o conceito do complexo de Édipo dentro do recorte das novas configurações familiares, para buscar compreender as vicissitudes desse conceito, dentro de um momento histórico, social, político e cultural diferente.

A primeira parte do trabalho é sobre família, sendo considerada as modificações dessa concepção, e os fatores que levaram à isso. Também será falado sobre a noção de família na visão psicanalítica. Os principais autores utilizados para discorrer sobre essa parte da pesquisa foram: Bauman (2001), Ceccarelli (2007), Kehl (1998), Perón (2011), Roudinesco (2003) e Walsh (2016).

A segunda parte discorre sobre o conceito teórico da psicanálise, base de toda a presente pesquisa: o complexo de Édipo em Freud. A relevância desse conceito se dá pela universalização do mesmo, e a necessidade dele para a constituição do psiquismo. As principais referências para a confecção deste capítulo foram: Bleichmar (1984), Miguelez (2007) e Pellegrino (1983).

Por fim, há um último capítulo sobre o Édipo estrutural em Lacan, que visa teorizar acerca do Complexo de Édipo freudiano, e inserindo a noção de estrutura e funções materna e paterna. Os principais autores usados para esse capítulo foram: Bleichmar (1984), Faria (2014), Metzger (2019) e Pacheco (2019).

## 2 A(S) FAMÍLIA(S)

Seguramente, configurações familiares diferentes de um modelo tradicional pai-mãe-filhos biológicos sempre existiram, só eram marginalizados pelos padrões da sociedade ou mesmo ignorados e deixados de lado. Mas, houveram momentos em que os protagonistas desses arranjos passaram a exigir seus direitos de cidadãos e catapultaram questões que interpelam todo o âmbito social. (CECCARELLI, 2007).

Historicamente, é a partir dos anos 1960<sup>1</sup> que se impõe a família “contemporânea” ou “pós-moderna”, que agora une dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A luta das feministas (desde a reivindicação do direito ao voto até o combate à opressão feminina no mercado de trabalho e no seio da família nuclear) foi um dos pilares que auxiliou a ascensão das mulheres no espaço público e tornou ainda mais forte os debates sobre o lugar dos homens e o das mulheres nas relações sociais, de trabalho, na reprodução, nas questões demográficas. Com a opção reprodutiva e o planejamento familiar, as mulheres procuraram no ambiente de trabalho o crescimento pessoal e o *status* valorizado pela sociedade.

Mas, estaria a transmissão da autoridade se tornando cada vez mais problemática à medida que os divórcios, separações e recomposições conjugais aumentaram?

De acordo com Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), a modernidade está inserida em uma fase de liquefação dos padrões de dependência e interação, no sentido de que há uma maleabilidade dos padrões de forma que as gerações passadas não experimentaram. Ele discorre sobre, dizendo que hoje os padrões e configurações não são mais “dados” e nem “autoevidentes”; existem muitos, que se chocam entre si e se contradizem em seus comandos conflitantes. Dessa forma, todos e cada um foram desprovidos de grande parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. (BAUMAN, 2001)

Em seu livro, Bauman faz uma citação de Ulrich Beck (1999):

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais. (BECK, 1999 *apud* BAUMAN, 2001, p.13)

---

<sup>1</sup> É também o ano em que nasce a segunda onda do feminismo, onde as mulheres visavam protestar pelo aumento da consciência da desvantagem feminina quer no trabalho, quer na família (MACIEL, 2018).

Segundo Ceccarelli (2007), o novo que as diferentes configurações familiares aportam pode ser sentido como uma ameaça, pois faz com que tenhamos que reavaliar as representações que confortam nossas angústias. Nós temos dificuldade em deixar de lado valores e teorias. Dessa forma, qualquer mudança requer um trabalho de luto no qual as antigas posições libidinais são abandonadas em prol dos novos investimentos. A necessidade de certezas e de imutabilidade pode ser tão forte, que só percebemos que nossas verdades não passam de construções históricas quando elas são questionadas (CECCARELLI, 2007).

Pode-se chamar de conflito de gerações esse estado em que as tradições deixam de dar conta de situar os indivíduos. Isso porque nas gerações seguintes sempre ocorrem modificações das quais a geração anterior não vivenciou. Portanto, por exemplo, as tradições vistas nas antigas monarquias onde determinavam os destinos dos súditos de acordo com a origem familiar, foram gradativamente deixados de lado pelos novos valores (KEHL, 1998). Hoje, vê-se que há uma busca pela felicidade como um objetivo de vida. Isso leva casais a se separarem quando não há mais amor, objetivos comuns ou companheirismo (KEHL, 2013).

Roudinesco discorre sobre, dizendo que a família hoje se assemelha à uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia e nem autoridade, onde cada um se sente autônomo ou funcionalizado (ROUDINESCO, 2003) ao mesmo tempo que a família também é um valor seguro pelo qual ninguém quer renunciar. “Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres, crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições” (p.198).

Para a psicanálise, a família deve amparar duas passagens: a da violência primária e da violência simbólica.

Segundo Ceccarelli (2007):

A criança é acolhida no mundo por alguém que faz uma função frente à prematuração psíquica patente do bebê. Essa função de prótese engendra uma violência primária, que tem relações com a ordem simbólica na qual a criança está inserida, ou seja, com a violência simbólica. (CECCARELLI, 2007 *apud* PERÓN, 2011)

Quem irá responder à função de prótese, ou seja, à violência primária, será a função materna. Enquanto que a renúncia ao gozo narcísico em prol dos valores culturalizados, será uma expressão da violência simbólica, ou seja, a função paterna. A família, portanto, tem a capacidade de suportar e engendrar essas duas violências ocorridas na vida da criança, dando

suporte ao sofrimento causado. Dessa forma, a família para a psicanálise é uma lei simbólica que caracteriza a ordem da cultura (PERÓN, 2009).

### 3 O ÉDIPO EM FREUD

Ao falar sobre o Édipo em Freud, julga-se necessário fazer uma breve recapitulação do mito grego, que levou Freud a construir sua teoria. Édipo era filho de Laio e Jocasta, os reis de Tebas. Antes do nascimento de Édipo, Laio ouviu do oráculo que ele teria um filho que, no futuro, o mataria e se casaria com a mãe. Quando Édipo nasceu, seus pais não deram-lhe um nome, o entregaram para um pastor, para que este o matasse. O pastor, por sua vez, sentiu pena do recém-nascido e, ao invés de matá-lo, furou-lhe os pés e prendeu-o com uma corda, suspenso em uma árvore.

Um pastor que andava pela cidade, viu Édipo dessa forma, desamarrou-o da árvore e o resgatou. Ele então, foi criado por Mérope e Políbio, porém, um dia descobriu que não era filho legítimo deles. Muito perturbado, consultou o oráculo e ouviu dele a predição de que seria assassino de seu pai, se casaria com a mãe e a engravidaria.

Para fugir desse destino, Édipo foi embora de Corinto, a cidade onde morava. Durante seu caminho, Édipo tem um desentendimento com um grupo, o qual acaba matando o ancião e alguns de seu grupo, e volta a seguir viagem sem saber do seu parricídio. Quase chegando em Tebas, ouve dizer sobre o enigma da Esfinge, que tinha a seguinte pergunta: qual é o animal que, pela manhã, anda com quatro pés, ao meio-dia, com dois pés e, à tarde, com três pés?”. Édipo aceita o desafio e responde “É o homem - que na infância engatinha, na idade adulta anda erguido e, na velhice, se apóia num bastão”.

Por ter conseguido responder o enigma da esfinge, ela lhe presenteia com a viúva Jocasta, e ele passa então a reinar Tebas. No casamento, foram gerados quatro filhos. Porém, rigorosas apurações sobre Édipo foram levantadas, até que se descobriu que o mesmo havia matado seu próprio pai e cometido incesto. Édipo, pela culpa, cegou-se com o broche que prendia o manto de Jocasta, e esta acabou se enforcando, também por conta do sentimento de culpa. (PELLEGRINO, 1983).

Freud irá falar sobre o Édipo em diferentes momentos, e é necessário nos atermos à eles para compreender de que Édipo está sendo dito. Segundo Bleichmar (1984), há três momentos relevantes para se falar do Édipo: a primeira é a carta enviada para Fliess em 15 de outubro de 1897, exposição que retoma em A Interpretação Dos Sonhos (1899); a segunda está em Psicologia dos Grupos e a Análise do Ego (1921) e em O ego e o Id (1923); o último momento começa com o trabalho A Organização Genital Infantil (1923) e termina com o artigo de 1931, Sobre a Sexualidade Feminina (BLEICHMAR, 1984).

O percurso irá se iniciar com a Carta 69, de 21 de setembro de 1897, em que Freud se correspondia com Fliess. Foi nessa carta que ele começa a pensar em um desejo incestuoso por parte dos filhos, portanto uma sexualidade infantil.

Segundo Miguelez (2007):

Não eram os pais os que atentavam contra a criança, era esta que desejava encontrar-se em tal situação e com ela fantasiava. Poder-se-ia dizer que a teoria da sedução trazia já nela o que viria a ser Complexo de Édipo, trocando o sujeito pelo objeto, e vice-versa. (MIGUELEZ, 2007, p.25)

Ainda nesse pensamento, Freud se volta para os desejos hostis e de morte de seus pacientes, acrescentando a hipótese de que “[...] nos filhos homens esse desejo de morte se volta contra o pai e nas filhas mulheres contra a mãe” (FREUD 1985a, p.296, *apud.* MIGUELEZ, 2007, p.25). Nesse mesmo escrito, ele também fala sobre o “horror do incesto”, que gera a imposição cultural de renúncia da vontade sexual. Portanto, desde o início, o complexo de Édipo para Freud não será meramente o triângulo pai-mãe-bebê, mas irá encontrar um lugar entre o sujeito e a cultura (*ibid*, p.25).

É importante ressaltar que Freud, em A interpretação dos sonhos (1900), dirá que tais desejos não são atuais, mas que se tratam de desejos sexuais infantis recalçados. É “[...] como se desde muito cedo aparecesse uma preferência sexual, como se o menino visse no pai e a menina na mãe, competidores no amor que, se desaparecessem, só trariam vantagens” (FREUD, 1900, p.265, *apud.* MIGUELEZ, 2007, p.27).

Vê-se que já existe uma heteronormatividade pressuposta por ele tanto das crianças pelos pais e vice-versa. Há uma preferência sexual dos pais, de modo que um “impulso natural” (FREUD, 1900, p.266 *apud.* MIGUELEZ, 2007, p.27) se dirige do pai para a menina, e da mãe para o menino. Portanto, afirma-se que a criança é atraída pelo outro sexo, ou seja, nasce-se psiquicamente homem ou mulher, assim como anatomicamente, e é “normal” ser heterossexual.

É com o Édipo Rei de Sófocles que diz Freud (1900):

Seu destino nos comove porque poderia ser o nosso, já que antes de nosso nascimento o Oráculo fulminou-nos com essa mesma maldição (...) A todos foi destinado dirigir o primeiro impulso sexual para a nossa mãe e o nosso primeiro ódio e o nosso desejo violento contra o nosso pai. Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos que ofendem a moral, desses desejos que a Natureza forjou em nós. (FREUD, 1900, p.271-272 *apud.* MIGUELEZ, 2007, p.27-28)

É a partir daí, em 1906, que Freud passa a usar a expressão “complexo de Édipo”. A palavra “complexo” é tomada dos estudos de Jung, que por sua vez significa: ideias carregadas afetivamente e que são capazes de conduzir um curso associativo (BLEICHMAR, 1984). Desta forma, Freud dirá então, sobre o complexo de Édipo, que: há um conjunto de sentimentos, de aptidões, de emoções, de ideias - ao qual chama de “complexo” - que existem no menino e que *orientam* sua relação frente a seus pais. (*ibid.*, p.11).

Resumindo esse primeiro momento do complexo de Édipo freudiano: aparece como orientador da sexualidade infantil e das emoções. Além disso, toda a caracterização do complexo de Édipo é analisada a partir do que acontece no menino. Supõe-se este como um ente que é constituído de sua sexualidade, cuja evolução de natureza biológica e predeterminada vai dirigir-se aos pais. Esse conceito não explica como sua sexualidade se constitui, ou como os desejos se constroem, nem mesmo o papel dos pais na constituição dessa sexualidade (BLEICHMAR, 1984, p.13).

O segundo momento do Édipo aparece em A Psicologia dos Grupos e a Análise do Ego (1921) até O Ego e o Id (1923). A mudança aqui é que a identidade sexual não se dá por dada, por natural. E sim ela deve ser assumida, é algo que pode não ocorrer ou ocorrer de forma diferente da biológica, como é o caso da homossexualidade. Como consequência destas identificações, se dá a saída do Édipo e forma-se o superego. O superego é, então, o herdeiro do complexo de Édipo no sentido de que é o substituto das catexias do objeto pelas identificações, além de ser o formador de caráter (BLEICHMAR, 1984, p.14).

Em O Ego e o Id, Freud fala sobre a constelação edipiana no menino, dizendo que ele irá ter uma identificação com o pai (nesse momento Freud fala, subliminarmente, de um pai poderoso e onipotente visto em Totem e Tabu) e, com relação à mãe, está em jogo uma escolha de objeto em apoio. Esses vínculos ocorrem paralelamente até que os desejos sexuais pela mãe se intensificam e a criança passa a perceber que o pai é um obstáculo para obtê-la. Nesse momento, a criança está em uma posição edipiana, que precisa ser abandonada (MIGUELEZ, 2007).

É a partir do abandono desse desejo sexual pela mãe, que irá se instaurar o superego. Este será um outro proibidor que ficará numa posição dominante e que foi promovido pela via da identificação.

Segundo Miguez (2007), superego:

A partir desse lugar, “observará” o ego e o id e exercerá controle sobre seus desejos. Se tais desejos se afastam da normal, o ego sentirá como remorso,

culpa, autocrítica, a ação desse “outro”, que é seu próprio superego. (MIGUELEZ, 2007, p.63)

Dessa forma, portanto, o complexo de Édipo é postulado como universal e, ao tramitar, deixa como herdeiro o superego. Além disso, o sujeito só se constitui como tal no seio da situação edípica pois, se o superego é a instância que irá formar o caráter, então a situação aparece como condição estruturante do sujeito (BLEICHMAR, 1984).

Antes de entrar no último momento do Édipo, considero relevante abordar algumas observações de Pellegrino (1983) sobre o pacto edípico e o pacto social. O pacto edípico implica em uma perda da criança (pelo objeto de desejo) ao mesmo tempo que um ganho. É a partir disso que ele inicia o processo de adquirir uma competência que, futuramente, através do trabalho irá contribuir e transformar sua vida social. Esse seria o pacto social, que demanda a renúncia pulsional primígena, através da aceitação do princípio da realidade (PELLEGRINO, 1983). É nesse sentido, portanto, que a instauração do superego irá formar o sujeito.

Por fim, o terceiro e último momento do Édipo será aquele em que se inicia na Organização Genital Infantil (1923) e vai até o artigo de 1931 Sobre a Sexualidade Feminina. Nesse período, Freud dirá que o Édipo não é igual na mulher e no homem (até então ele dizia ser equivalente para ambos), e converte a castração no centro do Édipo (BLEICHMAR, 1984).

Na infância, para ambos os sexos existe somente um genital: o falo. Os meninos consideram que todos, homens e mulheres, obtém o falo. Quando ele descobre a falta do mesmo em alguém do sexo feminino, irá se dar conta de que o falo delas foi removido. A teoria que o menino constrói é a de que a mulher fez algo errado e por isso perdeu seu falo. Com isso, passa a ter medo de perdê-lo também, ou seja, tem medo da castração como castigo. Como resultado da angústia da castração, o menino sai do Édipo, renuncia seus desejos incestuosos, identifica-se com o pai proibidor e instaura seu superego (sai da fase fálica e entra na fase de latência).

Já na menina, Freud afirma que, na fase fálica, o primeiro objeto sexual também é a mãe. Ao notar sua ausência do falo, ela entenderá que ele foi removido, que foi vítima de castração, e com isso passa a sentir inveja o pênis. Ela cria uma ferida narcísica ao mesmo tempo que cria também um rancor da mãe, por tê-la dotado tão insuficientemente. A menina faz um deslocamento simbólico pênis = filho, e passa a ter o desejo de ter um filho. Com isso, ela se afasta da mãe com ódio, e busca o pai como um segundo objeto sexual. Fica claro então

que o complexo ocupa, para a menina, uma posição secundária, e não originária, como Freud dizia até então (MIGUELEZ, 2007).

Freud afirma que: “Enquanto o complexo de Édipo do menino afunda por causa do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido por esse último” (FREUD, 1925, p. 276 *apud.*, MIGUELEZ, 2007, p.76)

Em Sobre a Sexualidade Feminina (1931), Freud dirá que a menina passa pela complexa tarefa de mudar de objeto (da mãe para o pai), de zona erógena dominante (do clitóris para a vagina) e de posição (da masculina para a feminina). O que torna essas tarefas possíveis é justamente o complexo de castração. Ela, por sua vez, não desenvolve a angústia de castração já que tem a fantasia de que já está castrada (*ibid.*, p.79). Porém, por ter que realizar todas essas inversões é que, para Freud, a feminilidade é mais tortuosa.

Apenas em 1933 na 33ª conferência é que Freud dirá que não pretende dizer o que a mulher é, apenas o que a faz se tornar uma mulher. Isso dá margem para falar das questões de gênero, que vão aparecer com mais força nas décadas de 1970/80.

## 4 O ÉDIPO EM LACAN

Lacan faz uma releitura do complexo de Édipo freudiano falando de um Édipo estrutural, sendo ele a estrutura que articula o desejo com a lei, visto no plano dos lugares e funções materna e paterna. Para Lacan existem 3 tempos do Édipo que são lógicos, ou seja, se diferenciam do tempo cronológico. A temporalidade lógica não remete aos tamanhos de cada tempo, mas obedece uma sequência de primeiro, segundo e terceiro (PACHECO, 2019).

Antes de falar sobre os tempos do Édipo é importante ressaltar o retorno que Lacan faz à Freud, e o esclarecimento da diferenciação entre falo e pênis. A imaginarização do falo aparecia para Freud na visão do pênis a partir da sua experiência clínica, mas Lacan dirá que o falo pode ser várias outras coisas. Isso porque o falo é um significante da falta ou do que completa uma falta. Portanto, ele é o significante do desejo, já que para Lacan o desejo é falta-a-ser (PACHECO, 2019).

O primeiro tempo do Édipo lacaniano é demarcado pelo narcisismo, em que o bebê se vê completando e completo pelo outro. A mãe é vista pela criança como um Outro absoluto marcado por uma falta, onde a própria criança irá completá-la e, para que ela ocupe esse lugar para a mãe, é preciso que ela ocupe um lugar fálico. Ou seja, um lugar de desejo e falta. Segundo Pacheco, o primeiro tempo do Édipo é demarcado pela frase “eu sou o falo” (verbo *ser*) (PACHECO, 2019).

De acordo com Faria (2014):

No primeiro tempo, a criança é identificada ao objeto de desejo da mãe. Essa construção lógica é possível devido à equivalência simbólica bebê = falo, oriunda do complexo de Édipo da mulher, que permite à criança colocar-se em posição de identificação com o falo materno. Há, portanto, três elementos: a criança, a mãe e o falo, sendo a criança e o falo equivalentes (FARIA, 2014).

Nesse tempo, a criança fica assujeitada ao desejo da mãe, sendo ela capaz de suprir suas necessidades, podendo ou não satisfazê-las, dependendo de sua vontade. Bleichmar (1984) usa uma metáfora, dizendo que a mãe é a rainha e ela tem um súdito. Isso porque é ela que dita uma lei, que é a lei do desejo do filho, ou seja, aparece como aquela que goza do poder marcar a lei do desejo, como lei onipotente (BLEICHMAR, 1984).

O menino e a mãe formam uma unidade narcisista em que um possibilita no outro a ilusão de perfeição. É então um narcisismo satisfeito onde a mãe converte o menino em falo,

para poder ser a mãe fálica (BLEICHMAR, 1984). Esse tempo é demarcado então por uma triangulação mãe-bebê-falo.

O segundo tempo do Édipo é demarcado pela pergunta “ser ou não ser o falo?”, bem como pela nova afirmação “meu pai é o falo”. O sujeito que detém o falo muda da criança para o pai, isso porque a presença e ausência materna faz com que a criança se coloque em questão se ela é ou não o falo. Ela não está mais convencida disso. Porém, se ela não é o falo, existe então alguém que a completa (METZGER, 2019).

Dessa forma, tem-se a ideia de pai imaginário, que faz com que a mãe se ausente. Esse pai pode ser qualquer coisa que faz com que a mãe se ausente e retorne. Ele é que irá privar a mãe da criança e vice-versa, portanto ele estará em uma constante rivalização com essa criança. (METZGER, 2019). É importante ressaltar que esse papel é dado por uma função paterna, e não necessariamente o pai biológico. Esse pai é aquele que interdita e desloca o sujeito da posição fálica. (PACHECO, 2019)

A criança sai dessa posição à medida que começa a se interrogar sobre quem preenche a falta materna. Ela percebe que não é o bastante para suprir essa falta, e que a mãe precisa de um outro. O pai será então aquele que preenche algo no desejo da mãe, e irá aparecer no segundo tempo do Édipo como sendo aquele que é o falo. Isso irá viabilizar a criança a entrar no meio social, porque até então o seu único objeto de interesse era a mãe. (PACHECO, 2019)

O pai imaginário do segundo tempo do Édipo é o pai da horda primitiva que Freud cita em Totem e Tabu. Esse pai é alguém que de fato funciona como um interditor, que possuía as mulheres e castrava os filhos, e que acabou sendo morto pelos próprios filhos. É um “pai terrível”, “pai tirano” que não só ditou uma lei, como representava a própria lei. Porém, a partir da morte desse pai é que se instaura o pai simbólico, caracterizando o terceiro tempo do Édipo.

Segundo Bleichmar (1984):

Esse pai, *enquanto morto*, com todas as consequências que se derivam, origina uma lei que está mais além de um personagem particular neste momento, de modo que agora, sim, vai passar a ter os atributos do pai simbólico. (BLEICHMAR, 1984, p.47)

O pai simbólico do terceiro tempo é aquele que exercerá a castração simbólica, ou seja, um corte/separação entre a mãe e o filho. O filho irá se separar do falo, perde sua identificação com ele, enquanto a mãe perde seu falo. É só a partir da castração simbólica que

irá se instaurar uma lei. A lei, para Lacan, é o regulamento que está acima do desejo ou vontade do indivíduo. O protótipo da lei é a proibição do incesto. É portanto uma lei da cultura que regula os intercâmbios sexuais (BLEICHMAR, 1984).

Assim, o pai produz na subjetividade da criança a substituição da lei que antes era da mãe (lei onímoda do desejo da mãe) para uma lei como instância exterior a qualquer personagem. Isso aparecerá no psiquismo do menino como algo que limita o desejo materno. Por fim, Lacan dirá que o significante que instaura a lei no menino é denominado nome-do-pai, substituto do desejo da mãe. (*ibid.*). O nome-do-pai funciona como organizador para o enigma da criança sobre o desejo materno: ela quer a mim ou o pai? (METZGER, 2019).

Esse tempo do Édipo pode ser caracterizado pela frase “meu pai tem/possui o falo”, o verbo muda do *ser* para *ter*. Isso porque o sujeito entende que o pai *tem* a propriedade do desejo da mãe, mas que pode perder. Ou seja, ele compreende que pode ou não ter o falo. Por isso a castração simbólica, que é representada (no plano imaginário) por uma perda onde o que se paga para fazer parte de uma sociedade é a limitação do gozo (PACHECO, 2019).

Portanto, o terceiro tempo do Édipo é demarcado por uma aceitação da lei, sendo essa a lei do incesto, que não só proíbe a relação sexual com a mãe, como também possibilita a relação com outras mulheres. É por conta disso que Lacan diz que, nesse tempo, o pai aparece como permissivo e doador, ou seja, o pai possibilita. A lei é “não dormirás com a tua mãe, mas sim com qualquer outra mulher” (BLEICHMAR, 1984, p. 59-60).

## 5 MÉTODO

Com o objetivo de compreender como a psicanálise vem discutindo o conceito de complexo de Édipo com famílias não tradicionais e/ou contemporâneas, a presente pesquisa consistiu em um estudo exploratório e de cunho bibliográfico. Para isso, foi realizada uma revisão de artigos brasileiros em psicanálise, em que foram levantados artigos com temas relacionados, publicados a partir de 2000 e até 2019.

Inicialmente, foram levantadas questões à respeito dos possíveis aspectos associados ao tema em questão, e identificados os eixos principais dessa pesquisa, através das seguintes palavras-chave que auxiliaram na busca do material: a) complexo de Édipo, b) família contemporânea, c) novas configurações familiares, d) função paterna, e) psicanálise.

A partir desse processo foram determinados critérios de inclusão, sendo eles: a) artigos do período de 2000 até 2019, e b) levantamento do material em plataformas científicas reconhecidas ou específicas de psicanálise, tais como: Scielo, Google Acadêmico, BVS e Percurso (revista de psicanálise editada pelo Sedes Sapientiae).

Foram encontrados nestas bases de dados, vinte e três artigos científicos. Dos vinte e três, foram incluídos apenas doze artigos para a análise e discussão. O critério de inclusão foram artigos que articulavam o complexo de Édipo (em Freud e Lacan) às questões da atualidade e as famílias contemporâneas. Foram excluídos artigos em que o complexo edípico não era citado (tendo enfoque em outros conceitos da psicanálise) e/ou as novas configurações familiares não eram discutidas.

Estes doze artigos foram classificados, dispostos em uma planilha do Excel, com as seguintes subdivisões: nome do artigo, ano, autor, link para acesso direto, autor citado, definição do complexo de Édipo e conclusão.

Por fim, após uma leitura minuciosa de cada artigo, foram feitos resumos sobre seu conteúdo e discussões quinzenais desses materiais, apreendidos e identificados os principais contextos de interesse, que serviram de levantamento de dados e de argumentação para a estruturação do presente trabalho.

Para criar categorias de análise foi feita uma leitura cuidadosa dos artigos, levantando os pontos principais de cada um. A partir disso foram criadas quatro categorias de análise: enfraquecimento da função paterna e declínio da autoridade nas famílias; multiplicação das expressões do Édipo e a alteridade como condição de subjetivação na contemporaneidade; as vicissitudes na contemporaneidade; função materna, paterna e fraterna.

Na discussão, destacou-se a importância de se questionar o padrão binário de gênero, também no que concerne à conceitos tradicionais como o complexo de Édipo. Também se discute o posicionamento de alguns psicanalistas contemporâneos, e a necessidade de pesquisas e maiores investigações sobre o tema e sobre possíveis mudanças no psiquismo por conta da contemporaneidade e as novidades que ela traz.

## 6 RESULTADOS <sup>2</sup>

<b>Nome do artigo:</b>
1. Existe uma psicanálise sem Édipo?
2. Repensando o complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade
3. Os nomes do pai e a generalização da castração
4. (Re)pensando o complexo de Édipo na contemporaneidade e as novas configurações familiares
5. Novas configurações familiares: mitos e verdades
6. Considerações sobre o complexo de Édipo
7. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual
8. A psicanálise ainda escuta o “Édipo” na família contemporânea?
9. Novas formas de parentalidade do modelo tradicional à homoparentalidade
10. Complexo de Édipo e as Novas Configurações Familiares
11. Gênero e novas configurações familiares
12. Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica

<b>Ano:</b>	<b>Autor:</b>
1. 2014	1. Caterina Rea
2. 2016	2. Julia Höfig e Sandra Zanetti
3. 2017	3. Cristina Marcos e Eduardo Sales
4. 2014	4. Elenara Costa e Cristiane Bottoli

<sup>2</sup> O link para acesso direto dos artigos se encontra em anexo.

5. 2007	5. Paulo Roberto Ceccarelli
6. 2011	6. Paula Regina Perón Perón
7. 2009	7. Márcia Arán
8. 2016	8. Sibely Lima e Vanuza Postigo
9. 2012	9. Brunella Rodriguez e Isabel Gomes
10. 2015	10. Michele Tebaldi e Marina Matiello
11. 2011	11. Mariana Domingues e Taciano Domingues
12. 2017	12. Brunella Rodriguez, Isabel Gomes e Danielly Oliveira

A partir do levantamento dos artigos tem-se como análise da forma que dos 12 selecionados, um é de 2007, três são de 2011, um de 2012, dois de 2014, um de 2015, dois de 2016 e dois de 2017. Com isso, pode-se concluir que foi a partir de 2011 que houve maiores pesquisas relacionadas ao tema do complexo de Édipo nas novas configurações familiares.

Dos artigos coletados, dois deles são das mesmas autoras, sendo que no segundo texto, mais recente (2017), há a participação de mais uma pesquisadora. São esses os artigos: Novas formas de parentalidade do modelo tradicional à homoparentalidade (2012) e Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica (2017). Ambos os artigos são de Brunella Rodriguez e Isabel Gomes, e o último é também com Danielly Oliveira.

<b>Autor citado <sup>3</sup></b>	<b>Definição do Complexo de Édipo</b>
1. Butler, Foucault	1. Freud
2. Kaes	2. Freud
3. Lacan	3. Lacan

<sup>3</sup> Se refere aos autores utilizados pelos pesquisadores para embasar suas conclusões à respeito do complexo de Édipo.

4. Kehl, Maria Borges	4. Freud
5. Parseval, Aulagnier	5. Freud
6. Freire Costa, Kehl	6. Freud
7. Butler	7. Freud e Lacan
8. Roudinesco, Kehl	8. Freud
9. Arán	9. Freud
10. Ceccarelli	10. Freud e Lacan
11. Foucault, Arán, Roudinesco	11. Freud
12. Arán e Butler	12. Freud

A partir dos autores citados em cada texto, também é possível estabelecer relações. Judith Butler (1993; 2000) é bastante comentada em três artigos: Rea (2014), Arán (2009) e Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017); Michel Foucault (1976; 1994; 2001) também é comentado nos artigos de Rea (2014) e Domingues e Domingues (2011); Kehl (2001; 2003; 2000; 2008) é comentada nos artigos de Bottoli e Costa (2014), Perón (2011), Lima e Postigo (2016); Roudinesco (2003) é comentada nos artigos de Lima e Postigo (2016) e Domingues e Domingues (2011); Arán (2009) é comentada nos artigos de Rodriguez e Gomes (2012), Domingues e Domingues (2011) e Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017).

Quanto às definições do complexo de Édipo, pode-se ver que a maioria dos autores tomam como base a teoria de Freud para embasar seu artigo. Para além disso, apenas dois artigos falam do retorno de Lacan a Freud, discorrendo sobre sua teoria. São esses os artigos de Arán (“A psicanálise e o dispositivo diferença sexual”) e Tebaldi e Matiello (“Complexo de Édipo e as Novas Configurações Familiares”). Apenas um dos artigos discorre brevemente sobre a teoria freudiana, tendo como principal foco a concepção estruturalista de Lacan sobre o complexo edípico. É o artigo de Marcos e Sales: Os nomes do pai e a generalização da castração.

**Conclusão:**

1. Multiplicação das expressões do Édipo
2. Modificações na estrutura do complexo de Édipo (consequência também no superego)
3. É a partir da pluralização dos nomes do pai e as funções materna/paterna que pode-se falar do complexo de Édipo na atualidade
4. Declínio da função e figura paterna, gerando “novos” sintomas infantis
5. Não importa a organização familiar, e sim o lugar que o bebê ocupa no imaginário de quem o acolhe
6. A função fraterna contribui para a constituição da função paterna (ética da solidariedade)
7. O importante é pensar como cada indivíduo vive a diferença para além da heteronormatividade
8. O importante é a função materna/paterna, e fala-se de um declínio da função paterna (autoridade)
9. O “pai simbólico” do Édipo como não sendo necessariamente um homem, mas pode ser exercido por outra figura
10. O complexo de Édipo tem a ver com a relação de afeto e desafeto que envolve os desejos dos sujeitos
11. Pode-se falar de complexo de Édipo a partir da função materna/paterna
12. Retira a ênfase na diferença sexual e sua consequente lógica binária como fundante da subjetivação

## 7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da leitura dos artigos foram levantadas categorias de análise para que fosse possível agrupar e expor, de maneira mais clara e sucinta, os pontos em comum que apareceram nas pesquisas. Foram ao todo concebidas quatro categorias de análise, não excludentes.

### 7.1 Categorias de análise

#### Enfraquecimento da função paterna e declínio da autoridade nas famílias

Antes de enunciar os artigos levantados com essas categorias, considero importante tomar nota do artigo de Perón (6) sobre a figura do pai e a função paterna. É importante ressaltar que lugar do pai e função paterna não são a mesma coisa. As mudanças dos lugares sociais atribuídos aos homens e às mulheres não significam necessariamente o declínio da função paterna. Ela inclusive fala que se for verdade que há um declínio da função paterna e uma crise de referenciais simbólicos, a partir de certas condições sociais, isso não pode ser atribuído necessariamente a ausência ou presença de um pai-homem na família que gera uma criança (PERÓN, 2009).

#### *Declínio da autoridade e do sistema patriarcal*

A partir dos artigos lidos, foi possível observar que quatro deles falam sobre o declínio do sistema patriarcal ou das autoridades. Isso foi observado nos artigos de Costa e Bottoli (4), Ceccarelli (5) e Lima e Postigo (8), Matiello e Tebaldi (10).

De acordo com Ceccarelli (2007), o sistema patriarcal é uma forma de organização social onde o agente que promove alteridade, o agente castrador, é encarnado pelo pai. Este é um lugar imaginário que centraliza o poder no pai (CECCARELLI, 2007). A desconstrução desse lugar tem se dado pelos novos arranjos familiares que vêm se constituindo e pelas diferentes formas de parentalidade na família. Falar do declínio da função paterna na vida social é falar das mudanças operadas na cultura contemporânea, onde o desafio é saber como cada sujeito irá fazer seu laço e sua subjetividade (LIMA & POSTIGO, 2016).

Matiello e Tebaldi (2015) e Costa e Bottoli (2014) também citam o declínio da autoridade, porém não discorrem sobre.

### *Enfraquecimento da função paterna*

Já a afirmação sobre o declínio da função/figura paterna pode ser observado nos artigos de Costa e Bottoli (4) e Matiello e Tebaldi (10). Ao se levar em conta as mudanças sócio-históricas, viu-se que houve uma fragilização dos papéis parentais, dificultando o exercício das funções simbólicas. De forma geral, a modernização da sociedade levou um processo de individualização, que foi contra os princípios familiares da época, provocando o afrouxamento das funções. Dentro disso, atualmente é possível observar a não hierarquização nas relações entre pais e filhos, bem como o declínio da autoridade. (MATIELLO & TEBALDI, 2015).

De acordo com Costa e Bottoli (2014), a ausência da figura do pai e o enfraquecimento da função paterna são questões que devem ser pensadas, pois haverá consequências diante da estruturação psíquica das crianças, onde o interdito e a castração estão cada vez mais enfraquecidos e, dessa forma, as crianças não tem limites, podendo exercer sobre a família o seu gozo pleno (COSTA & BOTTOLI, 2014).

Matiello e Tebaldi (2015) complementam que é comum observar, atualmente, mães e pais sem referências claras do que devem fazer em questões simples do cotidiano e, como essas regras não estão claras para os pais, tornam-se inconsistentes para os filhos. Dessa forma, surge um sentimento de culpa, gerando um funcionamento paralisante nos pais em relação à introdução de limites (MATIELL & TEBALDI, 2015).

### Multiplicação das expressões do Édipo e a alteridade como condição de subjetivação na contemporaneidade

Essa categoria pretende abordar os três artigos que tem como principal referência os pensamentos da antropóloga Judith Butler (1993; 2000), já que apresentam conclusões que se articulam entre si. São esses os artigos de Rea (1), Arán (7) e Rodriguez, Gomes e Oliveira (12).

O artigo de Rea (2014) propõe um novo olhar para além do Édipo, considerando a figura de Antígona, que traz o paradoxo do ser humano, que não tem uma natureza dada ou pré-estabelecida à qual teria que se submeter. Ela seria a figura da multiplicidade e da pluralidade das formas culturais de vida, das figuras do desejo, dos laços afetivos e da sexualidade. Rea (2014) traz a figura de Antígona para pensar sobre as fronteiras e as estruturas do poder pressupostas não somente à ordem social, mas também à ordem simbólica.

É uma tentativa de tentar recolocar em questão aquilo que antes era considerado como verdade. Rea (2014) cita Butler (1993; 2000) ao apontar para uma multiplicação das expressões de Édipo, numa quase explosão de possíveis variáveis culturais e sociais. Ela termina seu artigo se perguntando “[...] como poderá operar então esta psicanálise, que conhece nas categorias sagradas de seu discurso - Édipo, a lei simbólica e a diferença sexual - atos performativos que têm o poder de materializar efeitos subjetivantes? Como operará uma psicanálise sem Édipo, ou melhor, uma psicanálise voltada a acompanhar a pluralização duma ordem antes pensada como única e invariável?” (REA, 2014, p.93).

Arán (2009) em seu artigo irá discorrer, baseada em Butler (1993; 2000), sobre a necessidade de deslocar as fronteiras excessivamente rígidas do simbólico que pretendem perpetuar o modelo binário e heterossexual da compreensão da diferença para que a transexualidade, por exemplo, possa habitar o mundo da sexuação. Não podemos impor de forma violenta uma interpretação psicanalítica coercitiva para manter o horizonte simbólico intocável (ARÁN, 2009). Para a psicanálise o que importa é pensar como cada indivíduo, na sua singularidade, vive a diferença para além das definições prescritivas da heteronormatividade (*ibid*).

Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017) também se detém no pensamento de Butler (1993; 2000), juntamente com o de Arán (2009) citado acima. Sobre o complexo de Édipo, elas desautorizam o normativo familiar, pensando para além de Freud e Lacan, retirando a ênfase sobre a diferença sexual e sua conseqüente lógica binária como fundante da subjetivação. Ao invés dessa binariedade de posições de sexuação, apontada por Knudsen, (2007) no levantamento bibliográfico das autoras, elas sugerem a inclusão de uma visão múltipla e a consideração da alteridade como condição subjetivante na contemporaneidade. Concordam com Arán (2009) no que diz sobre a psicanálise ter que se abrir para a leitura de outras sexualidades não restritas ao masculino e ao feminino, enquanto as duas únicas posições normativas (RODRIGUEZ, GOMES & OLIVEIRA, 2017).

## As vicissitudes na contemporaneidade

Essa categoria pretende discorrer sobre as mudanças vistas na contemporaneidade relacionadas ao psiquismo, as novas psicopatologias e também sobre a parentalidade, termo usado hoje que busca pensar na atuação do pai dentro da família como igual à mãe, ou seja, sem hierarquias sociais.

Os artigos de Zanetti e Höfig (2) e Costa e Bottoli (4) conversam no sentido de ambos afirmarem que com as variações de famílias na contemporaneidade, há também mudanças no psiquismo, trazendo novas psicopatologias.

Diante da realidade das novas configurações familiares, pode-se ver que esses novos modelos têm modificado a família tradicional e a posição que a criança tem diante das figuras parentais. Em consonância, há também o declínio da função paterna com a fragilidade dos laços sociais, que serão expostos em forma de sintomas, falas, queixas, demandas e desejos no discurso dos pais e das crianças, conforme mostra o levantamento feito por Costa e Bottoli (2014).

A partir da pesquisa de Bernardino e Kupfer (2008) com crianças das regiões brasileiras, retomada por Costa e Bottoli (2014), viu-se que há um elevado índice de sintomas clínicos como falta de limites, agitação motora e dificuldade de separação. Nos consultórios clínicos podem ser vistas demandas de hiperatividade, com problemas de comportamento e quadros de depressão infantil. Além disso, é possível dizer que essas crianças são responsáveis pelas escolhas da família, ou seja, escolha do lazer (onde e quando), em viagens, férias, objetos (carros, móveis) e também até a escola que quer estudar. De acordo com eles, a criança fica encarregada de decidir quais objetos aportam o gozo e de que maneira irão gozar deles. Há, portanto, uma falta de limite dos pais para com esse gozo das crianças (*ibid.*).

Zanetti e Höfig (2016) vão por esse mesmo lado ao citar Kaës (2005b). Este tem como base da sua teoria que as garantias metasociais asseguram as garantias metapsíquicas. Portanto, se há uma mudança em torno dos valores e crenças que foram um dia instituídos, isso irá interferir nos interditos fundamentais, nos contratos e pactos intersubjetivos, ou seja, as garantias metapsíquicas. E é isso que tem sido visto atualmente, o sujeito não tem mais a pretensão de levar os valores familiares adiante da mesma forma que não recebe em troca o apoio narcísico do grupo, gerando um mal-estar contemporâneo de inseguranças e incertezas.

A partir de Armony (2009), Zanetti e Höfig (2016) também afirmam que a diversidade de escolhas e a permissividade da contemporaneidade provocam dúvidas, ansiedades, acúmulos e dispersões.

Pode-se observar três artigos que discorrem, mesmo que brevemente, sobre a parentalidade: Marcos e Sales (3), Rodriguez e Gomes (9) e Rodriguez, Gomes e Oliveira (12).

De acordo com Perelson (2005), autor citado por Rodriguez e Gomes (2012), o papel de pai como terceiro na lógica estruturante do complexo de Édipo pode sim ser exercido por outra figura (independentemente do seu sexo) desde que essa pessoa seja quem deposita a lei simbólica. A capacidade de cuidar e a qualidade do vínculo com os filhos são os determinantes da boa parentalidade e não a orientação sexual dos pais (SANTOS, 2004; TARNOVSKI, 2002. *apud*. RODRIGUEZ & GOMEZ, 2012, p.33).

A parentalidade exclusivamente masculina é afetada pela falta de modelos referenciais, na medida em que o legado familiar desse casal ainda se encontra preso ao modelo heterossexual, o que leva aos homens muitas vezes a se sentirem despreparados e inseguros para as tarefas que são vistas como “maternas” (RODRIGUEZ, GOMES & OLIVEIRA, 2017). Esse pensamento segue a lógica de Butler (1993; 2000) e Arán (2009) sobre a não restrição do masculino e feminino, e a necessidade de se pensar o Édipo para além da heteronormatividade.

Por fim, Marcos e Sales (2017) afirmam que a parentalidade é a manifestação dos efeitos das transformações da civilização sobre a ordem familiar. Nessa parentalidade há uma simetria entre pai e mãe, no que diz respeito à ordem familiar. Nessa época de pluralização dos nomes do pai, pai e mãe estão ligados à criança e é possível observar um crescente apagamento da diferença entre as funções do pai e da mãe, e com isso passa a existir um impasse para exercer a função materna (MARCOS & SALES, 2017).

É importante ressaltar que os artigos de Marcos e Sales (3) e o de Rodriguez, Gomes e Oliveira (12) são 2017, ou seja, são os artigos mais recentes encontrados nas buscas. Pode-se levantar a hipótese de que a questão da parentalidade está cada vez mais recorrente, sendo necessários estudos acerca desse novo termo, já que está relacionado aos cuidados à criança, não mais vinculados ao biológico e dos papéis sociais, mas sim enfatizando o processo de construção psíquica e vincularidade (RODRIGUEZ & GOMEZ, 2012).

## Função materna, paterna e fraterna

Alguns pesquisadores pensam para além das teorias de Freud e Lacan como visto acima, porém, a maioria dos artigos lidos irá se deter nos estudos de Lacan, ficando então muito visível a contribuição do mesmo para as teorizações sobre o complexo de Édipo. Os artigos de Marcos e Sales (3), Bottoli e Costa (4), Ceccarelli (5), Perón (6), Lima e Postigo (8), Rodriguez e Gomes (9), Matiello e Tebaldi (10) e Domingues e Domingues (11) irão levar em consideração a noção de função materna e paterna para falar do Édipo nas novas configurações familiares.

De forma geral, vê-se nesses artigos que a psicanálise articula-se com as mudanças sociais da atualidade não se prendendo ao sexo biológico dos pais, e sim a função que cada um irá obter para a criança. Desde Os complexos familiares, Lacan (1938/2003) irá atribuir à mãe uma função simbólica. Desnaturalizando a família, ao inscrever a mãe no campo da cultura e ao substituir os laços consanguíneos pelos simbólicos, Lacan transforma as figuras do pai e da mãe em funções: função de nomeação e função de cuidado, respectivamente (MARCOS & SALES, 2017).

A função paterna será aquela ligada a castração, ao interdito (BOTTOLI & COSTA, 2014), será o agente promotor da alteridade. Sua função é de propiciar o movimento psíquico presente em toda a cultura, que se insere na criança na ordem simbólica, ou seja, é ele que vai socializá-la (CECCARELLI, 2007). Já a função materna será aquela que busca acolher, fazer com que a criança seja desejada e amada (BOTTOLI & COSTA, 2014).

Pensando para além da função materna e paterna, o artigo de Perón (6) falará também da função fraterna com ajudante para se constituir o complexo de Édipo. Função esta, que tem dentro de si uma ética de fraternidade em que é anunciada uma outra concepção de subjetividade, pautada na existência de um sujeito incompleto que reconhece que não é autossuficiente. Portanto a solidariedade é a consequência dessa ética, onde o outro importa muito para o sujeito (PÉRON, 2011).

## 8 DISCUSSÃO

O complexo de Édipo é uma instância psíquica decisiva para a subjetividade e a sexualidade do sujeito. Dessa forma, se mostrou relevante o levantamento teórico realizado, na busca de compreender se novas configurações ou subjetividades afetam o conceito.

O objetivo da pesquisa foi investigar como a psicanálise vêm discutindo o conceito do complexo de Édipo hoje, visto que, a partir das mudanças sócio-históricas ocorridas, houveram mudanças no que se considera família, já que a definição não se encontra mais atrelada à uma família tradicional com postas por um homem e uma mulher. As novas configurações familiares, como as monoparentais, as homoparentais, as recompostas, as adotivas, entre outras, demandam aos teóricos em psicanálise a revisão de teorias e conceitos e alguns teóricos/pesquisadores, na atualidade, consideram as mudanças do contexto histórico, social, cultural e econômico, hoje, diferentes daquele no qual Freud concebeu o complexo de Édipo.

A partir dos artigos coletados pode-se concluir que há uma grande parcela dos autores que se baseiam em Lacan para falar do complexo de Édipo na contemporaneidade. Isso porque é a partir do retorno a Freud que ele teoriza sobre as funções materna e paterna.

De acordo com Ceccarelli (2007), nascer da união de um homem e uma mulher não basta para ser filho deles. Colocar uma criança no mundo não transforma os genitores em pais. O nascimento (fato físico) tem que ser transformado em filiação (fato social), para que, inserida em uma organização simbólica (fato psíquico) a criança possa se constituir como sujeito (CECCARELLI, 2007).

Então, segundo Bottoli e Costa (2014), fala-se das funções materna e paterna, que estarão ligadas a todos os aspectos reais, que são vivenciados pelo contato corporal; imaginários, que relacionam com questões ligadas à fantasia, capacidade de imaginar, a partir da experiência; e simbólicos, que seria a capacidade de elaboração maior, de poder ir além das representações. A “função materna e a função paterna implicam adultos que desejam a criança e que são continentes de determinados atributos que os tornam capazes de exercer cuidados físicos e psíquicos para com o bebê” (BORGES, 2005. *apud.* BOTTOLI, COSTA, 2014, p.56).

Lima e Postigo (2016) afirmam portanto que independente de qual seja a configuração familiar, as funções familiares são insubstituíveis, já que são nas relações que a família proporciona que nos constituímos como sujeitos. É preciso existir para a criança alguém que

exerça a função paterna e materna, dessa forma a família estruturará edipicamente o sujeito. A interdição do incesto e a sexuação resumem o papel que a família deve representar na *constituição* do sujeito (LIMA & POSTIGO, 2016, p.8).

Em contraposição a esse pensamento, outras autoras irão teorizar para além complexo de Édipo. Há uma necessidade de retomar esse conceito, onde as teorias de Freud e Lacan se mostram ultrapassadas. Isso porque, mesmo a ideia das funções exposta por Lacan, traz uma lógica binária de gênero que é pautada na heteronormatividade. Essas autoras, influenciadas pelo pensamento de Judith Butler, nos convidam a pensar sobre as formas de singularidade do sujeito, levando em consideração sua diferença sexual, de forma a não encaixá-la em padrões normativos. Neste sentido, questionando a pertinência de se manterem ainda atuais a concepção de Édipo ou funções maternas e paternas originária ou postulada por Freud e Lacan.

Arán (2009) traz em seu artigo a opinião de alguns psicanalistas conservadores discorrendo sobre a família, como Legendre (2001):

O pequeno pacto de solidariedade [Pacs - Pacto Civil de Solidariedade - que desde 1999, na França, pode ser efetuado por homossexuais] revela que esse Estado abdicou de suas funções de garantia da razão... Instituir a homossexualidade como o status familiar é colocar o princípio democrático a serviço da fantasia. Isso seria fatal, na medida em que o direito, fundado no princípio genealógico, abre espaço para uma lógica hedonista, herdeira do nazismo. (LEGENDRE, 2001, p. 5. *apud.* ARÁN, 2009, p. 664)

Nessa mesma lógica, ela também cita Charles Melman (2003), que fala sobre a adoção de uma criança realizado por um casal de mulheres:

Evidentemente, por uma razão de estrutura, isto é, o fato de que uma tal criança vai ser – em razão da homossexualidade dos pais – completamente desligada de toda e qualquer gênese fálica que lhe dissesse respeito... será colocada na posição pura de um objeto a. Essa criança está ali com o casal para que os pais adotivos possam gozar com ela, e esse gozo dos pais é a única causa da presença dessa criança no mundo. (MELMAN, 2003, p. 65-66. *apud.* ARÁN, 2009, p. 665)

A partir disso, é possível pensar no quanto essa visão conservadora da família não vai contra a própria teoria da psicanálise, que pretende compreender e acolher o sofrimento psíquico e a produção de subjetividades. Pensa-se em um rigor da teoria lacaniana e uma inflexibilidade dos papéis, mesmo tendo em vista as diferentes configurações familiares.

Rea (2014) fala sobre a pluralização do complexo de Édipo, pensando nas possíveis variações culturais e sociais. O que ela pretende não é abandonar o campo da norma, por meio do qual os nossos corpos e nossas vidas são sempre definidos, mas sim incluir no horizonte histórico e social da mudança e da transformação, que é aquele de sua possível constatação (REA, 2014). O que se pretende refletir a partir disso, é sobre como pensar nessas multiplicidades do Édipo levando em conta sua estrutura, mas de forma que abarque todas as configurações familiares da contemporaneidade. As autoras falam que a passagem pelo Édipo não precisa necessariamente remeter à dualidade sexual, mas sim a singularidade psíquica dos sujeitos. Mas será possível deixar essa dualidade sexual de lado para dar lugar à escuta e acolhimento do sujeito?

Segundo Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017), cabe à psicanálise investigar os detrimientos singulares criados pelas novas famílias, e pensar em que medida eles se colocam como estratégias de resistência e como possibilidades de enfrentamento e recriação da heteronormatividade.

É indiscutível que a psicanálise tenha que se recriar para dar espaço às mudanças que vêm ocorrendo ao longo do tempo. Para isso, novos autores vêm trazendo contribuições que nos ajudam a questionar sobre os conceitos em psicanálise, particularmente sobre o Édipo. A partir do mundo visto atualmente, é necessário se interrogar também sobre as novas psicopatologias trazidas em detrimento dos acontecimentos. Penso, por exemplo, no aparecimento da tecnologia. Zanetti e Höfig (2016) trazem essa discussão, onde a lógica das novas tecnologias e do mundo virtual tem favorecido no funcionamento psíquico o mecanismo de “recusa da realidade”. Esse novo recurso pretende anular qualquer tipo de afastamento ou separação. Esse é apenas um exemplo para se pensar sobre essas mudanças e de que forma isso afeta o psiquismo do sujeito.

A partir de toda a leitura realizada para essa pesquisa, vejo que existem diversas mudanças não só no âmbito familiar, mas também culturais e sociais, que irão afetar diretamente o sujeito e podem impactar no psiquismo do mesmo. Penso que possa ser muito cedo para afirmar o quanto essas mudanças irão afetar as pessoas, ao mesmo tempo que acredito que não há como não sermos afetados por elas, seja de forma positiva ou negativa.

Em relação às novas configurações familiares, vejo como uma forma positiva de impactar o sujeito a criança cuidada em uma família com uma configuração não nuclear, já que terá uma visão ampliada e não normativa de família, bem como as questões de gênero que irão permeá-la. Penso que na atualidade ainda existe muito preconceito relacionado à gênero e

sexualidade, e que acabam por incluir a questão familiar desses indivíduos que “não se encaixam” no padrão normativo binário imposto socialmente, e é de extrema importância que cada vez mais essas pessoas tenham voz para se colocar frente à essas questões, bem como ensinar as crianças a terem pensamentos diferentes.

Como uma forma negativa em que essas novas configurações podem afetar o sujeito, penso na categoria de análise levantada sobre as vicissitudes na contemporaneidade. Enfim, defendo que são indispensáveis os estudos acerca dessas mudanças que a contemporaneidade traz, bem como observações clínicas dos sofrimentos trazidos pelos pacientes, para embasar as teorias.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão de artigos em psicanálise, para o melhor entendimento sobre o que é dito do complexo de Édipo hoje, visto que a noção de família não é mais pautada no pai como o provedor e a mãe como dona de casa e cuidadora dos filhos. Os tempos mudaram, e hoje é possível observar diversas configurações familiares diferentes, como as monoparentais, as homoparentais, as recompostas, as adotivas, entre outras.

A justificativa para a pesquisa se dá por conta do complexo de Édipo ser definitivo para a saúde psíquica, bem como é a partir dele que o sujeito instaura sua sexualidade. Portanto o Édipo, como teoria universal da psicanálise, se mostra indispensável para o psiquismo de qualquer pessoa e também para a construção da sua subjetividade.

Fez-se inicialmente uma retomada sobre as famílias. Foram levantados alguns números que demonstram mudanças relacionadas à família nuclear, como por exemplo o número de divórcios ou até mesmo de crianças que não são cuidadas pelos próprios pais. Levantou-se, como causa para essa mudança, alguns fatores históricos relevantes: a entrada da mulher no mercado de trabalho; o surgimento do feminismo; os métodos contraceptivos.

Para a psicanálise, a família terá o papel fundamental de auxiliar a criança a sustentar os dois tipos de violência que ela passa: a simbólica e a primária. Portanto ela tem um papel indispensável na vida e no crescimento do sujeito.

Após o capítulo sobre família, julgou-se essencial discorrer sobre o complexo de Édipo em Freud, primeiro relembrando o mito grego do Édipo, e depois destacando os três momentos principais em que ele elaborou o conceito: na carta enviada para Fliess em 15 de outubro de 1897; Psicologia dos Grupos e a Análise do Ego (1921) e em O ego e o Id (1923); A organização Genital Infantil (1923), e termina no artigo de 1931, Sobre a Sexualidade Feminina.

No capítulo seguinte discorreu-se sobre o Édipo estrutural em Lacan, explicitando os três tempos lógicos do Édipo. Sua teoria foi retomada para ilustrar a contribuição de Lacan no conceito do complexo de Édipo, visto que é a partir do Édipo estrutural que ele irá teorizar sobre os lugares, as funções materna e paterna.

A pesquisa se constitui em um estudo exploratório de cunho bibliográfico, onde foi realizada uma revisão de artigos para compreender como a psicanálise vem discutindo o conceito de complexo de Édipo com o recorte das famílias não tradicionais/contemporâneas.

Foram escolhidos ao todo doze artigos para serem analisados, que foram coletados majoritariamente em plataformas científicas reconhecidas.

A partir de uma leitura minuciosa de cada artigo, organizou-se em uma planilha do Excel com as seguintes subdivisões: nome do artigo, ano, autor, link para acesso direto, autor citado, definição do complexo de Édipo e conclusão. Junto das subdivisões, há também uma análise da forma, elencando os pontos em comum dos artigos.

Depois da planilha há a análise do conteúdo, dos resultados. Assim, foram elaboradas quatro categorias de análise, que contemplaram todos os artigos. As categorias foram: enfraquecimento da função paterna e declínio da autoridade nas famílias; multiplicação das expressões do Édipo e a alteridade como condição de subjetivação na contemporaneidade; as vicissitudes na contemporaneidade; função materna, paterna e fraterna. Dentro de cada categoria foram retomados artigos que tinham ideias em comum, com o objetivo de agrupar e retomar as informações de maneira clara e sucinta.

A partir do levantamento dessas categorias de análise, foi trazido para a discussão três delas: multiplicação das expressões do Édipo e a alteridade como condição de subjetivação na contemporaneidade; as vicissitudes na contemporaneidade; função materna, paterna e fraterna. Duas delas foram trazidas porque são concepções sobre o complexo de Édipo que seguem caminhos diferentes e contribuem para responder a pergunta dessa pesquisa. A outra, para pensar na discussão acerca das novas psicopatologias contemporâneas.

A partir da leitura dos artigos em que as autoras se embasaram em Butler (1993; 2000), levantou-se a discussão sobre o conservadorismo de alguns psicanalistas contemporâneos, e o quanto isso vai contra a própria teoria da psicanálise, de acolher o sofrimento do sujeito. E também questões relacionadas à como lidar com essas novas subjetividades de forma que abarque o sofrimento. Pensa-se também na necessidade de pesquisas sobre como as mudanças na contemporaneidade irão, de uma forma ou de outra, afetar o indivíduo.

## 10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBRA, Pedro. O gênero entre a lei e a norma. In: **Estudos avançados**, vol.31, n° 91, São Paulo, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142017000300229](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000300229)>. Acesso em: 16 out. 2018.
- ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. In: **Revista de Estudos feministas**, v.17, n. 3, 653-673, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n3/v17n3a02>>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Ed.2. 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões**. Porto Alegre: Ed. Artes Medicas, 1984.
- BOTTOLI, Cristiane; COSTA, Elenara. (Re)pensando o Complexo de Édipo na contemporaneidade e as novas configurações familiares. In: **Barbarói**, n.40, 48-62, Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/4055/3540>>. Acesso em: 11 mai. 2018.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdades. In: **Jornal de Psicanálise**, v. 40, n. 72, 89-102, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/novas-configuracoes-familiares-mitos-verdades.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2018.
- DOMINGUES, Mariana; DOMINGUES, Taciano. Gênero e novas configurações familiares. In: **Revista científica do Unisalesiano**, v. 2, n.5, 611-620, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no5/artigo64.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019.
- FARIA, Michele Roman. **Constituição do sujeito e estrutura familiar - o Complexo de Édipo, de Freud a Lacan**. Taubaté - SP: Cabral Editora Universitária, 2014.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Ed. Claridade. 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.
- HÖFIG, Julia; ZANETTI, Sandra. Repensando o Complexo de Édipo e a formação do Superego na Contemporaneidade. In: **Psicologia: ciência e profissão**, v.36, n.3, 696-708, Brasília, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932016000300696&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300696&lang=pt)>. Acesso em: 11 mai. 2018.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Ed. Boitempo. 1998.

LIMA, Sibely; POSTIGO, Vanuza. A Psicanálise ainda escuta o “Édipo” na família contemporânea? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 9., 2016, João Pessoa, **Anais**, 2016. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/Anais%20Congresso%202016/80.3.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

MARCOS, Cristina; SALES, Eduardo. Os nomes do pai e a generalização da castração. In: **Ágora**, v. 20, n. 2, 575-590, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982017000200575&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200575&lang=pt)>. Acesso em: 16 out. 2018.

MATIELLO, Marina; TEBALDI, Michele. Complexo de Édipo e as Novas Configurações Familiares. In: **Psicologado**, 2015. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/complexo-de-edipo-e-as-novas-configuracoes-familiares>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

METZGER, Clarissa. **Aula com temática: os operadores estruturais da psicanálise e a práxis em instituição**. São Paulo: PUC-SP, 2019. (Comunicação oral)

MIGUELEZ, Nora. **Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens**. São Paulo: Ed. Casa Psi Livraria, 2007.

PACHECO, Raul. **Aula com a temática: sujeito e subjetividade – sobre a constituição do sujeito**. São Paulo: PUC-SP, 2019 (Comunicação oral)

PELLEGRINO, Hélio. Pacto Edípico e Pacto Social. In: **Folhetim - Suplemento da Folha de São Paulo**. São Paulo, 1983.

PERÓN, Paula. Considerações sobre o Complexo de Édipo - novas configurações familiares e a função paterna. In: **Percursos**, v.46, 2011. Disponível em: <[http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo\\_view&ida=161&ori=autor&letra=P](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=161&ori=autor&letra=P)>. Acesso em: 11 mai. 2018.

REA, Caterina. Existe uma psicanálise sem Édipo? In: **Ex aequo**, n. 30, 81-95, Lisboa, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602014000200007](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200007)>. Acesso em: 16 out. 2018.

RODRIGUEZ, Brunella; GOMES, Isabel. Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. In: **Boletim de Psicologia**, vol. LXII, n.136, 29-36, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n136/v62n136a04.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

RODRIGUEZ, Brunella; GOMES, Isabel; OLIVEIRA, Danielly. Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. In: **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 1, 135-150, Londrina, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v8n1/a09.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SODRÉ, Marina; ARÁN, Márcia. Considerações contemporâneas sobre a noção psicanalítica de Diferença Sexual. In: **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. XII, n. 1-2, 293-326, Fortaleza, 2012. Disponível em: <  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482012000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100011) >.  
Acesso em: 20 out. 2018.

THIS, Bernard. **O pai: ato de nascimento**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1987.

VOLNOVICH, Jorge. **A psicose na criança**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1993.

WALSH, Froma. **Processos normativos da família - Diversidade e Complexidade**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.

## ANEXO

<b>Link para acesso direto:</b>
1. <a href="http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0874-55602014000200007&amp;lang=pt">http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0874-55602014000200007&amp;lang=pt</a>
2. <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1414-98932016000300696&amp;lang=pt">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1414-98932016000300696&amp;lang=pt</a>
3. <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1516-14982017000200575&amp;lang=pt">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1516-14982017000200575&amp;lang=pt</a>
4. <a href="https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/4055/3540">https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/4055/3540</a>
5. <a href="http://www.ceccarelli.psc.br/texts/novas-configuracoes-familiares-mitos-verdades.pdf">http://www.ceccarelli.psc.br/texts/novas-configuracoes-familiares-mitos-verdades.pdf</a>
6. <a href="http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&amp;ida=161&amp;id_tema=10">http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&amp;ida=161&amp;id_tema=10</a>
7. <a href="http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n3/v17n3a02">http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n3/v17n3a02</a>
8. <a href="http://www.fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/Anais%20Congresso%202016/80.3.pdf">http://www.fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/Anais%20Congresso%202016/80.3.pdf</a>
9. <a href="http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n136/v62n136a04.pdf">http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n136/v62n136a04.pdf</a>
10. <a href="https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/complexo-de-edipo-e-as-novas-configuracoes-familiares">https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/complexo-de-edipo-e-as-novas-configuracoes-familiares</a>
11. <a href="http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no5/artigo64.pdf">http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no5/artigo64.pdf</a>
12. <a href="http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v8n1/a09.pdf">http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v8n1/a09.pdf</a>